

# Saberes pandêmicos para tentar imaginar o que virá

---

**Ileana Dieguez Caballero**

Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Cuajimalpa  
Cidade do México, México  
insular5@yahoo.com  
orcid.org/0000-0002-7890-2958

---

*E se nos prepararmos para beijar os mortos e para cuidar das vivas e dos vivos apesar das proibições, que a única coisa que estão fazendo é controlar nosso espaço e nossas vidas?*

Maria Galindo

Quando lançamos a chamada para este número da Revista Conceição|Conception, pedindo para “explorar as diferentes formas como o pensamento crítico, as artes e a performatividade social ou cidadã — particularmente na América Latina — se comprometem ou se reinventam para responder aos desafios do nosso tempo”, não poderíamos imaginar o que estava por vir ou a dimensão da crise que agora estamos vivendo. Naquele momento, já começavam a circular as primeiras reflexões: *Sopa de Wuhan* (ASPO - Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio, março 2020), *Pandemia y capitalismo* (FilosofíaLibre, abril 2020), *Todo lo que nos queda es (el) ahora* (LA RECI Ediciones & OnA, San Cristóbal de las Casas, México, 2020), entre vários outros. Um ano antes, Ailton Krenak tinha publicado *Ideias para adiar o fim do mundo* (Companhia das Letras, 2019), que, em resumo, e, a partir do olhar de Viveiros de Castro, “reflete sobre os pressupostos antropológicos daquela civilização que se toma por carro-chefe da ‘humanidade’ e sobre os efeitos que ela está produzindo sobre as condições materiais e espirituais de existência de todos os povos, espécies e existentes da Terra” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020).

A partir da frase *saberes pandêmicos*, penso nas diversas reflexões defendidas por diferentes pensadores em torno ao estado de vida perante o “distanciamento social” em tempos de pandemia, como a que estamos vivendo. A etimologia da palavra *pandemia* integra a raiz indoeuropeia *pan*, que implica um sentido de totalidade (todo), e *demos* ou povo; de forma que o adjetivo *pandêmico* foi usado para referir aquilo que afeta toda uma população. *Pan* é o nome do deus grego, uma criatura liminar por sua condição ambígua, metade homem metade bode. O seu poder está associado ao caos, ao imprevisível, à precariedade que pode suscitar em qualquer momento, quebrando qualquer ordem para dar lugar à excepcionalidade e ao pânico ou ao medo coletivo que se impõe em situações de

emergência. Quero vincular essa condição de excepcionalidade produzida por uma *pan/demia* às reflexões desenvolvidas por Eduardo Grüner sobre o papel do pensamento nos períodos de crise. Em função de uma das crises vividas pelos argentinos, particularmente a que tomou forma em dezembro de 2001, Grüner propôs a imperiosa necessidade de mover o pensamento, as ideias, os saberes para “responder às urgências do momento”. Quando o pensamento está em “estado de intempérie”, o que “realmente importa é entrar em movimento” (2004, p. 7). A partir dessas referências, procuro pensar no que imaginei como *saberes pandêmicos*, saberes em torno à urgência que nos restringe para tentar imaginar um tempo por vir. Apesar do estado de confinamento físico, mover o pensamento procurando chegar a uma maioria, a um *demos* que se estende além dos confinamentos sanitários, mas também além dos recintos acadêmicos. Tentar pensar o que nos afeta e o que colocou em jogo a vida de muitos(as), senão de todos(as).

Com base no chamado confinamento e na crise generalizada desencadeada por esta última pandemia da COVID-19 — mas, principalmente desencadeada pelas diversas limitações dos estados para enfrentar a crise e o progressivo dismantelamento e privatização dos sistemas de saúde —, foram escritos os textos que integram a Seção Temática do volume. De forma muito geral, os diferentes autores e autoras reflexionam sobre necropolíticas, gramáticas militares, pandemia, pestes e violências — com especial ênfase também são abordadas as consequências sociais, pessoais, filosóficas e psicológicas — e reflexionam ainda sobre as ações, gestos, rituais e performatividades de reXistências que populações, comunidades, grupos de pessoas, incluindo artistas, empreenderam antes e durante o estado de pandemia. Falo da performatividade reXistente referindo-me às ações e aos atos que realizamos procurando insistir, persistir, existir; dar novos sentidos à nossa existência, a nossas vidas.

Mas nem as violências nem as pandemias — nem mesmo as reXistências — constituem novidade. Com as pandemias de morte violenta, os desaparecimentos forçados, a emergência sanitária devido ao excesso de cadáveres que os SEMEFOS mexicanos não conseguem identificar nem conter, estamos convivendo há vários anos. De forma localizada, em alguns espaços mais do que em outros. A morte nos espreita de uma forma fantasmagórica. É essa espectralidade e sua incontrolável propagação o que aumenta o terror. E o estado de insegurança generalizada, apenas ficar em casa, quem puder.

Com novo brio, instalou-se um termo que nasceu há dezessete anos — desde sua publicação na *Public Culture*, 2003 — para enunciar as políticas de produção de mundos de mortos sob novos regimes coloniais. A necropolítica conceptualizada por Achille Mbembe assume a pergunta relativa às condições concretas em que se exerce o poder de matar, de deixar viver ou de expor à morte. E não é somente através da guerra que o direito de matar pode proliferar, mas também direcionando “a política como um trabalho de morte” (MBEMBE, 2011, p. 21) para gerar “zonas de morte” a partir do econômico e do social: zonas de não-direito à vida digna. Nessas zonas, aproximam-se as políticas radicais dos

regimes totalitários e as políticas laxas que ignoram a propagação da morte e abrem caminho para crises sanitárias e econômicas de populações que são obrigadas a pôr fim à sua vida no anonimato das valas comuns. A soberania necropolítica decide quem tem ou não valor, quem é prescindível e “descartável”, quais corpos importam.

Mas, na expansão da necropolítica, é necessário considerar sua tácita internalização em nossas subjetividades, ganhando corpo em nossos comportamentos e performatividades cotidianas, problema que foi levantado a partir das reflexões de Foucault. Precisamos pensar a forma como o exercício generalizado das necropolíticas tem determinado subjetividades necropolíticas. Estes três problemas: necropolítica, políticas de normalização da morte e subjetividades necropolíticas, não são nenhuma novidade. Há anos vivemos sob a aparente “normalização” da extrema precarização da vida e do irrefreável aumento da morte violenta. O que agora se tornou singular é a expansão sistemática e generalizada da morte e do medo de ser contaminado, a nível mundial, e os modos de morte, os modos como os corpos desaparecem sem ritos, a normalização e emergência de subjetividades necropolíticas.

Nesses últimos meses de reclusão pandêmica, de “biossegurança” e de “terror sanitário” (AGAMBEN, julho 2020, p. 7), acho que conseguimos estar conscientes de uma performatividade internalizada em nós, da incorporação de uma performatividade normativa ativada a partir da retórica da “distância saudável” e do “fique em casa” como recursos para a proteção: “Nada mais neoliberal do que proclamar o salve-se quem puder como uma solução tutelada”, disse Maria Galindo (2020, p, 122). Ou, no sentido contrário, também se disse “está tudo bem”, “a covid é uma fantasia, já tivemos outros vírus mais perigosos”. Como se o confinamento, a internalização do medo, ou a ignorante e cínica negação do problema fossem garantias de salvação num momento em que as instituições sociais e científicas não conseguem garantir plenamente a saúde e o cuidado da vida, porque nunca estiveram no centro das prioridades. E o que está acontecendo, o que aconteceu nas cidades desta parte do mundo onde um número significativo de pessoas vive do trabalho informal e sob uma precária subsistência. Nessas condições, como bem disse Maria Galindo, da Bolívia, a “única alternativa real é repensar o contágio”, “desobedecer para sobreviver”, assumir que vamos nos contagiar e partir dessa certeza para processar nossos medos (p. 125). Durante todo esse tempo, entendemos que não se trata de uma crise sanitária, que não é apenas um problema científico, mas sim um problema social e político, necropolítico.

A internalização do poder nos indivíduos, replicando-o, também se tornou a internalização de um poder específico que ativa a ideia da periculosidade produzida por outras e outros, fazendo-nos armar/mascarar com artefatos e produtos aos quais confiamos nossa proteção contra quaisquer partículas suspeitas que possam sair dos corpos alheios. A ideia de que os outros e as outras constituem uma possível ameaça para nossas vidas está hoje excessivamente próxima da “ficcionalização” do inimigo proposto por Mbembe (2011, p. 21), com raiz no paradigmático estudo (Masa y Poder) de Elías Canetti: “Cada um é o inimigo do outro”. Se, em geral, qualquer ordem política se baseia em alguma forma de

exclusão (MOUFFE, 2007, p. 25), essa condição é exacerbada pelo estado de exceção, pela urgência e pelas políticas extremas de inimizade, como questiona Mbembe (p. 21). A “exceção, a urgência e a ficcionalização” do inimigo geram condições possíveis para atirar e matar, não somente em nome de um poder estatal, mas também de uma subjetividade necropolítica que pratica o exercício da política “como uma relação de guerra por excelência” (p. 25).

Em *La enfermedad y sus metáforas*, assim como em *El sida y sus metáforas*, Susan Sontag já alertava sobre o uso de toda uma gramática militar contra os corpos doentes. Num dos primeiros textos publicados diante do auge da pandemia e dedicado a pensar — na linha de Sontag — as metáforas e gramáticas militares do vírus, José Andrés Díaz Hernández disse: “temos escutado da boca dos chefes de Estado [...] falar de uma guerra para referir-se à crise global de saúde pública que atravessamos”. Os discursos dos políticos afundaram-nos num contexto bélico sustentado no relato de uma sociedade que “trava uma batalha contra a doença” (DÍAZ HERNÁNDEZ, 2020).

Em seu primeiro texto, a respeito do estado pandêmico, Giorgio Agamben (março 2020) afirmou: “existe uma tendência crescente a utilizar o estado de exceção como paradigma normal de governo” (p. 18). Alguns meses mais tarde, Agamben lançou a noção de “biossegurança” para referir-se ao “dispositivo de governo que resulta da conjunção da nova religião da saúde e o poder estatal com seu estado de exceção” (julho 2020, p. 7), alertando que “em nome da saúde pública” se impeça “qualquer possível atividade política” (53). Com a pandemia, adentramos em “um regime de vigilância biopolítica” que abrange “nossas comunicações”, “nosso corpo, nosso estado de saúde”, como denunciou Byung-Chul Han (maio 2020). Han expôs o controle exaustivo do Estado chinês sobre os cidadãos através do que ele enuncia como “uma biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital que controla ativamente as pessoas” (março 2020, p. 102). Sob o pretexto de controlar a propagação da COVID-19, o Estado cubano agride, prende, aprisiona cidadãos, já não confinados voluntariamente em suas casas, mas sob rigorosa vigilância policial por evidentes “razões políticas”, como reivindicar o direito ao diálogo ou o direito a ter direitos. Enquanto uma alegada ameaça de contágio foi usada como pretexto para invadir uma casa e prender pessoas em situação de greve de fome e sede — tal como aconteceu na noite de 26 de novembro com os integrantes do Movimento San Isidro —, o estado cubano promove tumultos coletivos para orquestrar violentos “atos de repúdio” contra cidadãos que se dissipam pacificamente.

Agamben foi condenado publicamente por ser “incorreto”, “politicamente incorreto”, em suas críticas às políticas para a pandemia. Mas o velho filósofo, sábio como um Sileno, talvez o homem com mais anos em seu corpo do que todos os que escreveram nesses meses, é aquele que mostrou um pensamento mais livre e irreverente, menos domesticado. Apesar das críticas, Agamben continuou escrevendo e publicando, interpelando como sempre fez.

Às perdas acumuladas pelas violências de tantos anos, somam-se as perdas provoca-

das por esta última pandemia. Somam-se os corpos sepultados sem uma despedida, os ritos não realizados, o luto suspenso, a incerteza sobre o destino dos corpos, a propagação infinita e crescente da morte. As estratégias e cenários forenses se sobrepõem: os mesmos macacões com que se cobrem os corpos que no México rastreiam terrenos e examinam os achados em fossas clandestinas, é o mesmo tipo de vestuário usado para proteger-se dos corpos contaminados pela COVID-19. Algo extremamente doloroso se espalhou diante de tanto insepultamento e do acelerado desaparecimento de ritos e corpos. Aceleraram-se as perdas de entes queridos, dos afetos, da vida digna e abundam as valas comuns, as roupas forenses antissépticas, a morte desacompanhada.

Como é possível que, dominados pelo medo, nos tenhamos transformado em corpos da desafeição, em corporalidades que — atravessados como somos pelos afetos — aprendemos a comportar-nos como estranhos diante das pessoas que nos importam e que gostaríamos de abraçar. Como podemos ficar assistindo passivamente nossos entes queridos sendo levados por uma ambulância, entrando pela porta de um hospital, de quem mal saberemos se vivem ou morrem. Houve casos em que, até mesmo, foi difícil conhecer o paradeiro dos corpos.

A imensa e ampla perda que vivemos hoje não pode resumir-se em números, os números são meros sinais do fracasso de um alegado humanismo que as universidades também deveriam considerar e cuidar. Cuidarmos. Devemos cuidar de cada palavra e do lugar de onde emitimos nossa voz: cuidar de *nosso lugar de fala*. Falar, como disse Djamila Ribeiro, não é apenas emitir palavras, mas expressar-nos como parte de uma luta pela existência, expressar nosso direito à existência digna (2019, p. 64).

A raiva pode ser um combustível para o pensamento, considerou Bauman. Podemos alimentar-nos da raiva, como compartilhou Audre Lordes. A raiva e a ira nos ensinam como agir e lutar com palavras: “Se estiverem com raiva, briguem com palavras”, aconselha David Kopenawa (2015, p. 453). Há uma agência nessa ira, na performatividade da raiva, da raiva digna que mobilizou os povos indígenas zapatistas no México. Nestes tempos, precisaremos que essa raiva seja longa, que possa contagiar “novas formas de resistência” — como solicita Agamben — com as quais se possa imaginar a vida para além da *sobrevivência*. Eu tenho pensado esta frase por sua pergunta: “E o que é uma sociedade que não tem mais valor além da sobrevivência?” (julho, 2020, p. 21), uma pergunta que Agamben desenvolveu a partir de *HomoSaser. O poder soberano e a vida nua*: “Mas se tratava realmente de uma ‘sobrevivência’?” (1998, p. 204), então afetado pela situação das pessoas em estado de coma *depassé*.

Não sei se poderemos processar, a ciência certa, o que se passou neste tempo complexo e interrogar-nos, principalmente, sobre a forma como esta experiência influenciará a expansão de políticas totalitárias que apelam para novas formas de controle e correção dos corpos e do corpo social. Não sei se sustentaremos os saberes que possam devir desta experiência e se cuidaremos desses *saberes pandêmicos* para tentar imaginar o que virá. Desse provir também antecipou suas reflexões o velho sábio, Giorgio Agamben: “Não esperamos um novo deus nem um novo homem, mas buscamos aqui e agora, entre as

ruínas que nos cercam, uma forma de vida humilde e mais simples, que não seja uma miragem, porque temos memória e experiência dela” (novembro, 2020).

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Sobre el tiempo que viene**. Intervenção de Giorgio Agamben publicada em 23 de novembro de 2020 em sua coluna “Una voce” no website da editora italiana Quodlibet. Disponível em: <https://artilleriainmanente.noblogs.org/?p=1971> Acesso em: 20/12/2020

AGAMBEN, Giorgio. **¿En qué punto estamos? La epidemia como política**. Quodlibet, 9 de julio de 2020. Traducciones del blog de Artillería Inmanente. Disponível em: <https://artilleriainmanente.noblogs.org/?p=1709>. Acesso em: 20/12/2020

AGAMBEN, Giorgio. **La invención de una epidemia. Em: Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), marzo 2020. Disponível em: <https://www.medionegro.org/pdf-sopa-de-wuhan/>. Acesso em: 20/12/2020

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. El poder soberano y la nuda vida*. Valencia: Pretextos, 1998.

DÍAZ HERNÁNDEZ, José Andrés. **Un virus y sus metáforas: gramáticas militares, fronteras territoriales y estrategias económicas del biopoder**. La Vorágine, Cultura Crítica, 10 abril 2020. <https://lavoragine.net/virus-metforas-gramaticas/>. Acesso em 20/12/2020.

GALINDO, María. **Desobediencia, por tu culpa voy a sobrevivir. In Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), marzo 2020. Disponível em: <https://www.medionegro.org/pdf-sopa-de-wuhan/>. Acesso em: 20/12/2020

GRÜNER, Eduardo. **De las representaciones, los espacios y las identidades en conflicto**. IN: LOBETO, Claudio (org), **Prácticas socioestéticas y representaciones en la Argentina de la crisis**. Buenos Aires: el autor, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Viviremos como en un estado de guerra permanente**. Barcelona: La Vanguardia, 12/05/2020. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/cultura/20200512/481122883308/byung-chul-han-viviremos-como-en-un-estado-de-guerra-permanente.html>. Acesso em 20/12/2020.

HAN, Byung-Chul. **La emergencia viral y el mundo de mañana**. IN **Sopa de Wuhan**.

**Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia.** ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), marzo 2020. Disponível em: <https://www.medionegro.org/pdf-sopa-de-wuhan/>. Acesso em: 20/12/2020

KOPENAWA, Davi e Bruce, Albert. **A queda do céu. Palavras de un xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Madrid: Melusina, 2011.

MOUFFE, Chantal. **En torno a lo político.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. IN KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.